



TRAGÉDIA NA INDONÉSIA

Juliana não resiste à demora do socorro

Equipes de resgate confirmam morte de jovem brasileira, que tentava chegar ao cume do Monte Rinjani. Corpo deve ser içado hoje

» IAGO MAC CORD*

Depois de quase 90 horas presa na encosta do Monte Rinjani, na Indonésia, a esperança pela sobrevivência de Juliana Marins chegou ontem ao trágico fim. Por volta das 11h de Brasília, parentes e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) informaram a morte da jovem de 26 anos, cuja causa ainda é desconhecida.

Ao longo da madrugada brasileira de ontem — o horário da Indonésia Central é 8h a frente do de Brasília —, a família da jovem utilizou de um perfil no Instagram para divulgar detalhes sobre o resgate. Os parentes de Juliana acusam o governo da Indonésia de “negligência” e de demorar a reunir um grupo de socorristas capazes de tirá-la da encosta do monte.

“A equipe de resgate conseguiu chegar até o local onde Juliana Marins estava. Com imensa tristeza, informamos que ela não resistiu. Seguimos muito gratos por todas as orações, mensagens de carinho e apoio que temos recebido”, disse a família, no perfil na rede social. Logo em seguida, o MRE publicou uma nota de pesar na qual frisava que a operação para salvar Juliana foi dificultada pelas condições meteorológicas, do solo e de visibilidade no local. Acrescentou que a Embaixada brasileira em Jacarta, capital da Indonésia, “mobilizou as autoridades locais, no mais alto nível, para a tarefa de resgate”.

A Agência de Busca e Salvamento do país asiático, por sua vez, informou que o corpo da jovem não pôde ser removido do local depois da chegada dos socorristas ao ponto em que estava, quase 600m abaixo da encosta do monte. Por conta disso, as operações precisaram ser encerradas, mas a expectativa é de que possa ser içado hoje.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lamentou a morte de Juliana em publicação no X (antigo Twitter). “Recebi com muita tristeza a notícia da morte de Juliana Marins após queda durante trilha no vulcão Rinjani. Nossos serviços diplomáticos e consulares na Indonésia seguirão prestando todo o apoio à sua família neste momento de tanta dor. E quero expressar a minha solidariedade à sua família — solidariedade que,

Instagram da família



Antes de chegar à Indonésia, a niteroiense Juliana tinha passado por Filipinas, Vietnã e Tailândia

tenho certeza, também é de todo o povo brasileiro”, escreveu o presidente. O vice-presidente Geraldo Alckmin também se manifestou no X. “Transmito meus sentimentos e orações aos amigos e familiares de Juliana Marins, que tragicamente perdeu a vida, após um acidente, na Indonésia. Que a alegria de viver de Juliana fique como a lembrança mais forte de sua existência”, publicou.

O presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), se manifestou, assim como o governador do estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL) — Juliana era natural de Niterói (RJ). Também se pronunciaram a ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania, Macaé Evaristo, a senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS), as deputadas Maria do Rosário (PT-RS) e Erika Hilton (PSol-SP), além do deputados Carlos Jordy (PL-RJ), niteroiense como a jovem) e Reginaldo Lopes (PT-MG).



A equipe de resgate conseguiu chegar até o local onde Juliana Marins estava. Com imensa tristeza, informamos que ela não resistiu. Seguimos muito gratos por todas as orações, mensagens de carinho e apoio que temos recebido”

Nota da família de Juliana confirmando a morte



Recebi com tristeza a notícia da morte de Juliana Marins após queda durante trilha no vulcão Rinjani. Nossos serviços diplomáticos e consulares na Indonésia seguirão prestando todo o apoio à sua família neste momento de dor”

Publicação do presidente Lula no X

Instagram da família



Imagem remetida pela brasileira à família na trilha do Monte Rinjani

Reprodução de vídeo



Drone captou imagem da jovem ainda viva horas após o acidente

Translado

A princípio, o traslado do corpo de Juliana se custeado pela família. O pai da jovem, Manoel Marins Filho, que estava a caminho da Indonésia para acompanhar o resgate da filha, mas ficou retido no Catar, onde o voo em que estava fez escala, por conta do fechamento do espaço aéreo do país em função do ataque iranianos à base militar norte-americana de Al-Udeid. O custo de retorno de um corpo ao Brasil pode ultrapassar os R\$ 50 mil, incluindo um esquife especial e mais a documentação necessária, dependendo da distância do país do qual esteja sendo removido.

O caso, porém, pode não se encerrar com o retorno do corpo de Juliana ao Brasil. Isso porque há suspeitas de que houve negligência das autoridades indonésias em função da demora de resgatá-la. O embaixador brasileiro em Jacarta, George Monteiro, não teria recebido informações fidedignas a partir do acidente com a brasileira. Além disso, a

família da jovem considera que houve omissão do guia da excursão em que ela estava, deixado-a para trás — Juliana alegou cansaço para não continuar com o grupo que seguia rumo ao cume do Monte Rinjani. Na descida, ela não foi encontrada, pois caiu por algum motivo ainda não esclarecido ela caiu na ribanceira.

“Se o governo indonésio realmente forneceu à Embaixada do Brasil informações falsas, como ter dado comida, água e cobertor, quando testemunhas afirmam o contrário, isso agrava o cenário. A prestação de informação falsa de um Estado estrangeiro, no âmbito de um procedimento consular, viola o princípio da boa-fé, que é o princípio que regula todas as relações humanas, independentemente de países e de laços”, destacou Wilson Bicalho, advogado e professor de pós-graduação de direito migratório. (Colaborou Vanilson Oliveira)

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi



ALEXANDRE GARCIA

LULA VAI SE ISOLANDO NÃO APENAS DE SEUS MAIS CONFIÁVEIS AMIGOS, MAS DOS TRADICIONAIS AMIGOS DO BRASIL NO MUNDO

Escolhas

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não sancionou a lei aprovada no Congresso que cria o Dia da Amizade Israel-Brasil. Mas não a vetou, como fizera a ex-presidente Dilma Rousseff há 10 anos. Vencido o prazo para o Palácio do Planalto se pronunciar, a lei voltou para o Congresso promulgar e terá a assinatura de um judeu — o presidente e senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Lula escolheu não adotar um gesto simpático para com o Estado cujo governo o considera persona non grata por suas afinidades com o grupo terrorista Hamas. Escolheu a emoção e a ideologia.

Na política externa, a despeito

das tradições do Itamaraty, Lula impõe ação ideológica, alinhando-se a Cuba, Nicarágua, Venezuela, China, Rússia e Irã, como se os brasileiros não vivessem a cultura judaico-cristã do Ocidente. Na guerra, faz declarações claramente favoráveis ao Irã e seus filiados Hamas e Hezbollah, ainda que isso tenha que exigir olhos e narizes fechados das feministas e dos movimentos LGBTQIA+ brasileiros. Na guerra das Malvinas/Falklands, que cobri em 1982, perguntei ao então presidente João Figueiredo por que o Brasil estava ajudando logisticamente a Argentina. Ele respondeu que a Inglaterra está a 10 mil quilômetros e a Argentina continuará na nossa fronteira quando a guerra acabar. O Irã está a 12 mil quilômetros e os Estados Unidos continuarão no

mesmo continente que o Brasil. E as afinidades entre esses povos estão na razão direta da geografia. Lula, no entanto, provoca o presidente norte-americano, Donald Trump, dizendo não ter medo de cara feia. Mas para defender a Constituição, como jurou perante o Congresso, escolhe o silêncio do medo.

Escolhas ensejam comparações. Por exemplo: entre a atual política externa ideológica e a diplomacia de resultados, do pragmatismo responsável. Assim como comparar Paulo Guedes com Fernando Haddad, Lula e Jair Bolsonaro são responsáveis por suas escolhas. Bolsonaro escolheu Guedes com a humildade de quem não entende de economia e seu ministro seria o “Posto Ipiranga”. Os resultados são diferentes, a

favor de Guedes, em menos impostos, menos gastos, mais investimentos, e superávits em estatais e nas contas públicas. Bolsonaro não se metia na economia e Guedes pôde aplicar o que dá certo, como Javier Milei hoje demonstra na Argentina. Lula se impõe a Haddad e acha que todo gasto do governo é investimento. Por isso, o Brasil sobe e desce. E desce rápido. O que se esperava que arrebentaria nas mãos do próximo presidente, agora economistas preveem para no ano que vem. Que, para a desgraça da atual administração federal, é ano eleitoral.

O culpado

Haddad voltou das férias de uma semana e o hiato serviu para que

especialistas concluíssem que a culpa pela irresponsabilidade fiscal não é de Haddad, mas de Lula. Assim como os 15% de taxa Selic não são sabotagem do Roberto Campos Neto e muito menos do Gabriel Galipolo, indicado por Lula. As altas da taxa básica são para amortizar prejuízos da ganância comandada pelo presidente da República, porque a missão do Banco Central é proteger a moeda e o crédito — isto é, garantir a estabilidade do Real. Lula disse num podcast que mais IOF é para garantir o arcabouço — que foi a forma de a nova administração federal derrubar o saudável teto de gastos instituído no período do presidente Michel Temer.

Cérebro brilhante da esquerda, José Dirceu percebeu e se manifestou. Antes, por seu amigo, o

advogado Antonio Carlos de Almeida Castro, o Kakai, que expressou sua queixa por Lula já não ouvir seus companheiros mais confiáveis, estando isolado — no que pareceu uma crítica a Janja, que influencia e evita outros conselheiros. Depois, o próprio Dirceu disse que a esquerda não se atualizou, perdeu o protagonismo no mundo digital e fala para um Brasil que já não existe.

Lula vai se isolando não apenas de seus mais confiáveis amigos, mas dos tradicionais amigos do Brasil no mundo, como o aliado histórico Estados Unidos e o país que um brasileiro, Oswaldo Aranha, ajudou a criar na ONU — Israel. Escolhas de Lula. Que prosperam também porque representantes do povo escolheram a omissão no Congresso.